

DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/1983-4535.2017v10n1p234>

O QUE TEM SIDO ESTUDADO SOBRE ESCOLAS DE NEGÓCIO? A EVOLUÇÃO DOS TRABALHOS E A ESTRUTURA INTELECTUAL QUE OS SUPORTA

WHAT HAVE BEEN STUDIED ABOUT BUSINESS SCHOOLS? WORKS' EVOLUTION AND SUPPORTING INTELLECTUAL LITERATURE

Isabel Cristina Scafuto, Doutoranda
Universidade Nove de Julho - UNINOVE
isabelscafuto@hotmail.com

Emerson Maccari, Doutor
Universidade Nove de Julho - UNINOVE
emersonmaccari@gmail.com

Fernando Serra, Doutor
Universidade Nove de Julho - UNINOVE
fernandorserra@gmail.com

Renata Moura, Doutora
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS
rggmoura@gmail.com

Recebido em 11/abril/2016

Aprovado em 07/dezembro/2016

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*



Esta obra está sob uma Licença Creative Commons Atribuição-Uso.

RESUMO

O objetivo do artigo foi de mapear a estrutura intelectual da pesquisa sobre escolas de negócio a partir das referências das publicações nesse tema. O método utilizado para a avaliação da pesquisa existente foi uma análise bibliométrica de citação e cocitação, em conjunto com análise fatorial e escalonamento multidimensional (MDS). Os resultados apresentam quatro campos que orientam as pesquisas em escolas de negócio: Críticas ao currículo e à formação de executivos nas escolas de negócio; ações para a mudança das escolas de negócio; visão crítica das escolas de negócio como produtoras e disseminadoras de conhecimento; comportamento e pressões institucionais nas escolas de negócio.

Palavras-chave: Escolas de negócio. MBA. Bibliométrico.

ABSTRACT

This article aims to map the intellectual structure of the research about business schools through the references of the published articles. We did a citation and co-citation bibliometric analysis complemented with a factor analysis and multidimensional scaling (MDS). We found four research fields: actions to change the business schools; critic vision of the business schools as knowledge producers and disseminators; institutional pressures and behavior of the business schools.

Key words: Business schools. MBA. Bibliometric.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo das últimas décadas tem havido uma explosão na abertura de novos cursos, em especial dos MBA, das escolas de negócios (COLLET; VIVES, 2013). Não foi diferente no Brasil, onde desde a década de 1990, proliferaram os MBA e a crença para profissionais e recrutadores de ter este curso como critério para o sucesso profissional (WOOD JR.; CRUZ, 2014). As escolas de negócio se associam aos rankings para buscar legitimidade (COLLET; VIVES, 2013), influenciando a escolha dos alunos (SAUDER; LANCASTER, 2006), nas decisões dos empregadores e na imagem de excelência (DICHEV, 1999). A proliferação das escolas de negócios e dos cursos de MBA é um fenômeno importante e que merece uma melhor compreensão dos desafios e dos estudos que têm sido feitos.

Existe uma consciência crescente de que o estudo de fenômenos é importante para o papel e relevância da pesquisa, e assim, proporcionar a resposta aos problemas do dia-a-dia. Como também, para o aprendizado das organizações (DOH, 2015). A pesquisa baseada em fenômeno foca na compreensão de um fenômeno do mundo real (VON KROGH et al., 2012). Como foi mencionado, compreender o fenômeno das Escolas de Negócio, pelo crescimento e pela influência sobre as pessoas e sobre as empresas, é relevante e importante. Até porque, muito tem sido escrito e não se tem conhecimento de estudos que tenham procurado compreender o que suporta a pesquisa e a sua evolução intelectual.

Para compreender este fenômeno e como evoluiu, a exemplo do estudo de disciplinas e temas acadêmicos, pode-se avaliar o conhecimento que tem sido produzido e acumulado a partir dos artigos acadêmicos, e compreender a estrutura intelectual que os suporta (ZUPIC; CATER, 2015). Bem como o que caracteriza a base de conhecimento, possibilitando verificar tendências e eventuais estudos futuros (FERREIRA; PINTO; SERRA, 2014). Uma das formas de fazê-lo é realizar estudos bibliométricos, neste caso, um estudo de citação e cocitação, que é uma das formas mais frequentes deste tipo de estudo (CALLON et al. 1993; DING et al., 2000). O estudo bibliométrico de citação e cocitação possibilita analisar a partir das referências dos artigos de um determinado tema, possibilitando descrever o conteúdo e a evolução da pesquisa do tema estudado (FERREIRA; PINTO; SERRA, 2014).

Os estudos bibliométricos utilizam-se de análises estatísticas da produção científica pelo relacionamento das publicações (PRITCHARD, 1969; VOGEL; GÜTTEL, 2013; ZUPIC; CATER, 2015), na citação e cocitação pela relação entre as referências. Um aspecto

importante a ressaltar é que as revisões bibliográficas muitas vezes carecem de rigor metodológico, envolvendo critérios de escolha de base de artigos para análise subjetivas (PARÉ et al., 2015). Os estudos bibliométricos resolvem esta lacuna ao proporcionarem mais rigor ao processo de revisão bibliográfica (ZUPIC; CATER, 2015; VOGEL; GÜTTEL, 2013) e servirem como complemento a outras formas de revisão (RAMOS-RODRÍGUEZ; RUÍZ-NAVARRO, 2004).

Os estudos bibliométricos de citação e cocitação usualmente têm se dedicado a compreender a evolução de abordagens teóricas e disciplinas. Por exemplo, Ramos-Rodriguez e Ruiz-Navarro (2004) em estratégia, Shafique (2013) em inovação, Fernandez-Alles e Ramos-Rodriguez (2009) em recursos humanos ou gestão do conhecimento (Ponzi, 2002). No entanto, são mais raros os estudos que procuram compreender o suporte teórico e conceitual de fenômenos, como declínio organizacional (SERRA; ALMEIDA; FERREIRA, 2013). Neste trabalho, por intermédio de um estudo bibliométrico de citação e cocitação como foi mencionado, tenta-se compreender o fenômeno ligado à expansão e desafios das escolas de negócios.

2 MÉTODO E TÉCNICAS DE PESQUISA

2.1 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Os dados dos artigos selecionados para este trabalho foram coletados na base da *ISI Web of Science*. Foram considerados todos os periódicos de *business e management* disponíveis no *Journal Citation Reports* da base. Para a seleção, foi utilizada a palavra chave *business school** (o (*) é usado para que qualquer variação da palavra seja considerada). A amostra final foi de 493 artigos em 19 periódicos apresentados na Tabela 1.

Tabela 1 Periódicos e quantidade de artigos selecionados.

Periódico	Fator Impacto 2015	Total Artigos Amostra	% amostra
Harvard Business Review	1,574	178	36,1
Academy of Management Learning & Education	1,586	146	29,6
British Journal of Management	1,584	34	6,9
Organization Science	3,775	24	4,9
Journal of Management Studies	3,763	23	4,7
Academy of Management Journal	6,448	14	2,8
Academy of Management Review	7,475	14	2,8

California Management Review	1,667	14	2,8
Organization	1,809	13	2,6
Long Range Planning	2,718	10	2,0
Administrative Science Quarterly	3,333	6	1,2
Journal of Management	6,071	4	0,8
Academy of Management Annals	7,769	3	0,6
Academy of Management Perspectives	3,354	3	0,6
Asia Pacific Journal of Management	2,091	2	0,4
Management Science	2,482	2	0,4
Business Strategy and The Environment	2,542	1	0,2
Management and Organization Review	2,442	1	0,2
Strategic Management Journal	3,341	1	0,2
		493	100,0

Pela observação dos periódicos de onde foram selecionados os artigos, pode-se observar uma predominância significativa da Harvard Business Review e do periódico da Academy of Management dedicado à educação e aprendizagem em administração, o periódico Academy of Management Learning and Education. Estes dois periódicos em conjunto respondem por 65,7% da amostra. Dez dos dezenove periódicos respondem por 95,3% do total dos artigos selecionados.

2.2 AMOSTRA

A Figura 1 apresenta a evolução dos artigos selecionados nos anos de publicação, que considerou todos os artigos disponíveis na base até o ano de 2015. Nota-se uma quantidade significativa de artigos nos últimos dez anos, e crescente a partir da década de 1990, que de certa forma coincide com a expansão das escolas de negócio no mundo.

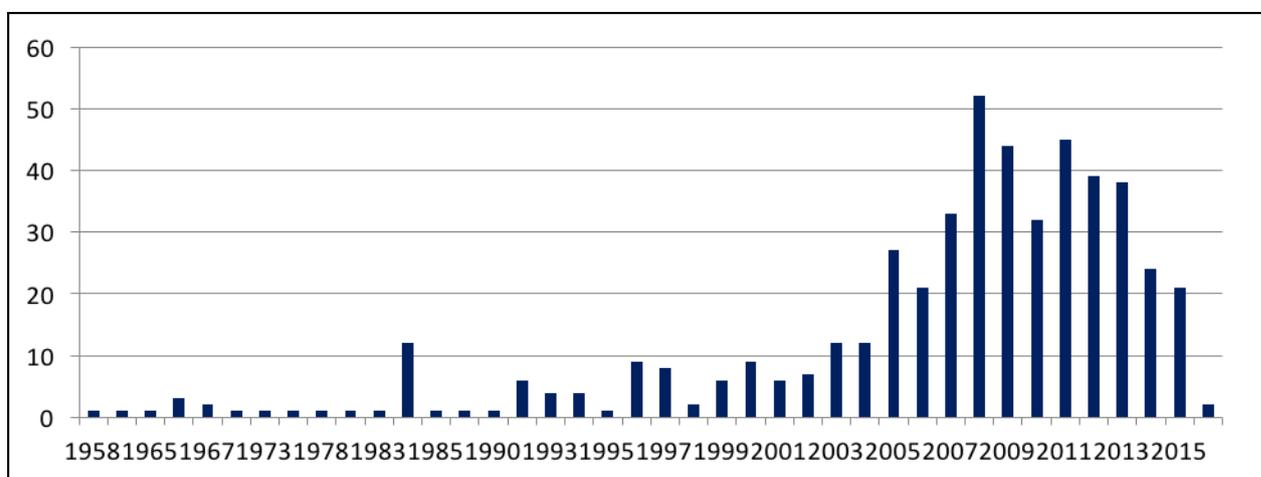


Figura 1 Evolução das publicações.

2.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Este estudo faz a análise das citações e cocitações com o uso de análise fatorial e escalonamento multidimensional (MDS). A análise de citações apresentada na Tabela 2 reflete a frequência que os trabalhos individuais são referenciados em outros trabalhos (VOGEL; GÜTTEL, 2013). A análise de cocitação mede a similaridade a partir da frequência em que dois trabalhos são referenciados em conjunto por outros trabalhos (SMALL, 1973; MCCAIN, 1990). A análise de cocitação pode se alterar ao longo do tempo e contribui para verificar as alterações de paradigmas e abordagens teóricas de um tema (ZUPIC; ČATER, 2015). A análise de cocitação foi realizada com o uso complementar de dois métodos já mencionados: a análise fatorial e o escalonamento multidimensional (MDS). O uso de análise fatorial tem sido utilizado para dar consistência e robustez aos trabalhos bibliométricos (MCCAIN, 1990). Neste levantamento foi utilizada análise fatorial com rotação Varimax (ACEDO; BARROSO; GALAN, 2006; LIN; CHENG, 2010). A rotação Varimax, propicia melhores interpretações (FABRIGAR et al., 1999). Foram consideradas cargas fatoriais aproximadas e superiores a 0,4 (ver Shafique, 2013; Guerrazzi; Brandão; Campos Junior; Lourenço, 2015).

Os fatores encontrados no procedimento anterior foram utilizados para ajudar na identificação de grupos na representação gráfica propiciada pelo MDS, que também tem sido bastante utilizado em estudos bibliométricos (RAMOS-RODRÍGUEZ; RUÍZ-NAVARRO, 2004; LIN; CHENG, 2010). O mapa mostra a proximidade entre artigos, representando o relacionamento e a dimensão da quantidade de citações individuais. O mapa MDS e a análise fatorial foram preparados com o software SPSS versão 2.0.

3 RESULTADOS

3.1 ANÁLISE DAS CITAÇÕES

A Tabela 2 apresenta os 50 artigos mais citados, que possuem mais que dez citações e trabalhos que foram objeto da análise.

Tabela 2 Frequência de citação dos artigos utilizados nas referências.

Referências completas (estas referências não serão repetidas ao final do artigo)	Qde.	% nos 493 artigos
PFEFFER, J.; FONG, C. The End of Business Schools? Less Success Than Meets the Eye. Academy of Learning & Education , v. 1, n. 1, p. 78-95, 2002.	68	13,79
GHOSHAL, S. Bad Management Theories Are Destroying Good Management Practices. Academy of Learning Education , v. 4, n. 1, p. 75-91, 2005.	65	13,18
BENNIS, W.; O'Toole, J. How business schools lost their way. Harvard Business Review , v. 83, n. 5, p. 96-104, 2005.	53	10,75
KHURANA, R. From higher aims to hired hands: the social transformation of American business schools and the unfulfilled promise of management as profession , Princeton University Press, 2007.	49	9,93
MINTZBERG, H. Managers Not MBAs: A Hard Look at the Soft Practice of Managing and Management Development . Berrett-Koehler, 2004.	49	9,93
PORTER, L.; MCKIBBIN, L. Management Education and Development: Drift or Thrust into the 21st Century? New York: McGrawHill, 1988.	36	7,30
PFEFFER, J.; FONG, C. The business school "business": some lessons from the US experience. Journal of Management Studies , v. 41, n. 8, p. 1501-1520, 2004.	30	6,08
ADLER, N.; HARZING, A. When Knowledge Wins: Transcending the Sense and Nonsense of Academic Rankings. Academy of Management Learning & Education , v. 8, n. 1, p. 72-95, 2009.	29	5,88
GORDON, R.; HOWELL, J. Higher Education for Business . Columbia University Press, 1958.	28	5,67
HAMBRICK, D. What if the Academy actually mattered? Academy of Management Review , v. 19, n. 1, p. 11-16, 1994.	27	5,47
NAVARRO, P. The MBA core curricula of top-ranked U.S. business schools: A study in failure? Academy of Management Learning & Education , v. 7, n. 1, p. 108-123, 2008.	23	4,66
DIMAGGIO, P.; POWELL, W. The Iron Cage Revisited: Institutional Isomorphism And Collective Rationality In Organizational Fields. American Sociological Review , v. 48, n. 2, p. 147-160, 1983.	22	4,46
STARKEY, K.; MADAN, P. Bridging the Relevance Gap: Aligning Stakeholders in the Future of Management Research. British Journal of Management , v. 12(SI), p. 3-26, 2001.	22	4,46
MINTZBERG, H.; GOSLING, J. Educating managers beyond borders. Academy of Management Learning & Education , v. 1, n. 1, p. 64-76, 2002.	20	4,04
GIOIA, D.; CORLEY, K. Being Good Versus Looking Good: Business School Rankings and the Circean Transformation From Substance to Image. Academy of Management Learning & Education , v. 1, n. 1, p. 107-120, 2002.	19	3,85
PFEFFER, J. Barriers to the Advance of Organizational Science: Paradigm Development as a Dependent Variable. Academy of Management Review , v.18, n. 4, p. 599-620, 1993.	19	3,85
TRANK, C.; RYNES, S. Who moved our cheese? Reclaiming professionalism in business education. Academy of Management Learning & Education , v. 2, n. 2, p. 189-205, 2003.	19	3,85
VAN DE VEN, A.; JOHNSON, P. Knowledge For Theory and Practice. Academy of Management Review , v. 31, n. 4, p. 802-821, 2006.	19	3,85
FRIGA, P.; BETTIS, R.; SULLIVAN, R. Changes in graduate management education and new business school strategies for the 21st century. Academy of Management Learning & Education , v. 2, n. 3, p. 233-249, 2003.	18	3,65

GIBBONS, M.; LIMOGES, C.; NOWOTNY, H.; SCHWARTZMAN, S.; SEOT, P.; TROW, M., The New Production of Knowledge: The Dynamics of Science and Research in Contemporary Societies . SAGE, London, 1994.	18	3,65
STARKEY, K.; TIRATSOO, N. The Business School and the Bottom Line . Cambridge University Press: Cambridge, 2007.	18	3,65
ELSBACH, K.; KRAMER, R. Members' responses to organizational identity threats: Encountering and countering the business week rankings. Administrative Science Quarterly , v. 41, n. 3, p. 442-435, 1996.	17	3,44
FERRARO, F.; PFEFFER, J.; SUTTON, R. Economics language and assumptions: How theories can become selffulfilling. Academy of Management Review , v. 30, n. 1, p. 8–24, 2005.	17	3,44
LEAVITT, H. Educating our MBAs: On teaching what we haven't taught. California Management Review , v. 31, n. 3, p. 38-50, 1989.	17	3,44
STARKEY, K.; HATCHUEL, A.; TEMPEST, S. Rethinking the Business School. Journal of Management Studies , v. 41, n. 8, p. 1521–1531, 2004.	17	3,44
TRANFIELD, D.; STARKEY, K. The Nature, Social Organization and Promotion of Management Research: Towards Policy. British Journal of Management , v. 9, n. 4, p. 341–353, 1998.	17	3,44
RUBIN, R.; DIERDORFF, E. How relevant is the MBA? Assessing the alignment of required curricula and required managerial competencies. Academy of Management Learning & Education , v. 8, n. 2, p. 208-224, 2009.	16	3,24
TRIESCHMANN, J.; DENNIS, A.; NORTHCRAFT, G.; NIEME JR., A. Serving Constituencies In Business Schools: M.B.A. Program Versus Research Performance. Academy of Management Journal , v. 43, n. 6, p. 1130-1141, 2000.	16	3,24
VAN DE VEN, A. Engaged Scholarship: A Guide for Organizational and Social Research . New York: Oxford University Press, 2007.	16	3,24
KOLB, D. Experiential learning: Experience as the source of learning and development . New Jersey: Prentice-Hall, 1984.	15	3,04
MEYER, J.; ROWAN B. Institutionalized organizations: formal structure as myth and ceremony. American Journal of Sociology , v. 83, n. 2, p. 340–63, 1977.	15	3,04
GREY, C. Re-imagining Relevance: A Response to Starkey and Madan. British Journal of Management , v. 12(SI), p. 527–532, 2001.	14	2,83
CHEIT, E. Business Schools and Their Critics. California Management Review , v. 27, n. 3, p. 43-62, 1985.	13	2,83
KUHN, T. The Structure of Scientific Revolutions . International Encyclopedia of Unified Science, 1962.	13	2,83
WEICK, K. Sensemaking in Organizations . London Sage, UK, 1995.	13	2,83
DATAR, S.; GARVIN, D.; CULLEN, P. Rethinking the MBA: Business Education at a Crossroads . Boston, MA: Harvard Business Press, 2010.	12	2,43
GREY, C. Reinventing Business Schools: The Contribution of Critical Management Education. Academy of Management Learning and Education , v. 3, n. 2, p. 178-186, 2004.	12	2,43
MILES, M.; HUBERMAN, A. Qualitative Data Analysis: An Expanded Sourcebook . SEGE, London, 1994.	12	2,43
MACDONALD, S.; KAM. J. Ring a Ring o' Roses: Quality Journals and Gamesmanship in Management Studies. Journal Management Studies , v. 44, n. 4, p. 640-655, 2007.	12	2,43
PETRIGLIERI, G.; PETRIGLIERI, J. Identity Workspaces: The Case of Business Schools. Academy of Learning Education , v. 9, n. 1, p. 44-60, 2010.	12	2,43
PFEFFER, J. Why Do Bad Management Theories Persist? A Comment on Ghoshal. Academy of Learning & Education , v. 4, n. 1, p. 96-100, 2005.	12	2,43

SCHON, D. The Reflective Practitioner: How Professionals Think in Action. New York: Basic Books, 1983.	12	2,43
SIMON, H. The business school: A problem in organizational design. Journal of Management Studies , v. 4, n. 1, p. 1-16, 1967.	12	2,43
ABRAHAMSON, E. Management Fashion. Academy of Management Review , v. 21, n. 1, p. 254-285, 1996.	11	2,23
BARNEY, J. Firm Resources and Sustained Competitive Advantage. Journal of Management , v. 17, n. 1, p. 99-120, 1991.	11	2,23
BOYER, E. Scholarship Reconsidered: Priorities of the Professoriate. Princeton, NJ: Carnegie Foundation for the Advancement of Teaching, 1990.	11	2,23
FOURNIER, V.; GREY, C. At the critical moment: Conditions and prospects for critical management studies. Human Relations , v. 53, p. 7-32, 2000.	11	2,23
NOWOTNY, H.; SCOTT, P.; GIBBONS, M. Re-Thinking Science: Knowledge and the Public in an Age of Uncertainty. Cambridge: Polity Press, 2001.	11	2,23
RYNES, S.; BARTUNEK, J.; DAFT, R. Across the Great Divide: Knowledge Creation and Transfer Between Practitioners and Academics. Academy Management Journal , v. 44, n. 2, p. 340-355, 2001.	11	2,23
Starkey, K.; TEMPEST, S. The winter of our discontent: The design challenge for business schools. Academy of Management Learning & Education , v. 8, n. 4, 576-586, 2009.	11	2,23

3.2 ANÁLISE FATORIAL

Os quatro fatores identificados respondem por 60,6% da variância, sendo os dois primeiros fatores dominantes.

Tabela 3 Fatores.

Referências	Fatores			
	1	2	3	4
Pfeffer_Fong_2002	,856	,226	,114	,295
Pfeffer_Fong_2004	,814	,189	-,015	,325
Mintzberg_Gosling_2002	,789	,146	,306	,188
Kolb_1984	,749	,251	,288	,045
Kuhn_1962	,743	,052	,318	-,018
Starkey_Tempest_2009	,723	,271	-,171	,062
Rynes_et_al_2001	,705	,415	,140	-,011
Miles_Huberman_1994	,677	,181	,444	,204
Khurana_2007	,634	,246	,234	,414
Leavitt_1989	,578	,169	,515	,279
Weick_1995	,503	,340	,099	-,053
Abrahamson_1996	,468	,358	,306	,027
Gordon_Howell_1958	,424	,244	,148	,131
Ghoshal_2005	,080	,795	,125	,311
Starkey_et_al_2004	,366	,785	-,172	-,026
Friga_et_al_2003	,220	,784	,016	,153
Bennis_O'Toole_2005	,171	,759	,140	-,078
Porter_McKibbin_1988	,245	,734	,215	,018

Adler_Harzing_2009	,155	,719	,193	,045
Navarro_2008	,181	,703	-,175	,362
Starkey_Tiratsoo_2007	,016	,669	,331	,289
Petriglieri_Petriglieri_2010	,557	,657	-,184	-,027
Grey_2004	,230	,656	,244	,213
Ferraro_et_al_2005	,429	,631	,314	,115
Schon_1983	,439	,621	,218	,051
Van_de_Ven_Johnson_2006	,370	,592	,411	,032
Starkey_Madan_2001	,211	,527	,484	-,172
Nowotny_et_al_2001	,210	,094	,819	,010
Pfeffer_1993	-,026	,072	,781	-,117
Grey_2001	,367	,055	,704	,104
Tranfield_Starkey_1998_	,048	,309	,661	,062
Gibbons_et_al_1994	,384	,032	,644	,151
Hambrick_1994	,519	,198	,613	,352
Mintzberg_2004	,447	,270	,606	,316
Van_de_Ven_2007	,283	,482	,495	,105
Fournier_Grey_2000	,192	,445	,495	,275
Barney_1991	-,237	-,055	,261	,119
Trieschmann_et_al_2000	,272	,119	-,052	,766
Trank_Rynes_2003	-,073	-,043	-,201	,690
Dimaggio_Powell_1983	-,043	,229	,339	,685
Elsbach_Kramer_1996	-,115	,205	,394	,652
Datar_et_al_2010	,051	,325	,321	,641
Macdonald_Kam_2007	,185	,230	-,057	,635
Boyer_1990	-,037	,048	,316	,626
Cheit_1985	,150	,181	,343	,593
Rubin_Dierdorff_2009	,443	,176	-,094	,537
Meyer_Rowan_1977	,337	,236	,099	,530
Gioia_Corley_2002	,472	,381	,143	,525
Simon_1967	,067	-,179	,005	,418
Pfeffer_2005	,120	-,153	-,055	,359

O quadro resumo apresentado na Tabela 4 possibilitou distinguir os quatro fatores que identificam o que tem sido estudado sobre escolas de negócio a partir dos trabalhos de base, ou raízes intelectuais. São eles: o fator 1, denominado “**Críticas ao currículo e à formação de executivos nas escolas de negócio**”; o fator 2, denominado “**Sugestões de ações para os desafios das escolas de negócio (prática, experiência e significado)**”; o fator 3, denominado “**Visão crítica das escolas de negócio como produtoras e disseminadoras de conhecimento**”; e o fator 4, denominado “**Comportamento e pressões institucionais nas escolas de negócio**”.

Tabela 4 Resumo dos resultados da análise fatorial.

Fator	Referência	Conteúdo
Fator 1 – Críticas ao currículo e à formação de executivos nas escolas de negócio	Abrahamson (1996)	O autor estuda e incentiva novos estudos sobre a moda da gestão e a corrida das escolas de negócios para ganharem a confiança dos crédulos gerentes. Estas escolas detectam as preferências coletivas dos gerentes sobre as técnicas inovadoras de gestão; desenvolvem retóricas com essas técnicas de gestão e as divulgam antes das outras escolas de negócios concorrentes. Assim, a proposta do autor é de estudar este processo para torna-lo um processo de aprendizagem.
	Gordon e Howell (1958)	Os autores realizaram um estudo sobre educação empresarial a pedido da fundação Ford. Eles detectaram uma fraqueza primordial nos cursos de graduação em administração, que necessitam uma mudança radical em seu currículo para melhorar a base dos alunos. Além disso, eles encontram diversas fragilidades nas escolas de negócios que precisam dar mais ênfase nos aspectos analíticos e gerenciais.
	Khurana (2007)	Neste livro, o autor usa a teoria institucional como uma perspectiva sobre a evolução das escolas de negócios. Dividido em três lógicas principais, Primeiramente, o autor fala sobre a formação do gerente profissional e a perseguição do lucro pelo comércio. Segundo, fala sobre as escolas privadas que ajudam a padronizar e reformular os currículos. Terceiro, o surgimento de uma proposta de valor de uma educação em negócios.
	Kolb (1984)	Em seu livro, Kolb aborda a teoria experiencial de aprendizagem criada por ele próprio, como também reconhece os estilos de aprendizagem já estudados anteriormente por ele. O autor inclui um círculo de aprendizagem como princípio central da sua teoria.
	Kuhn (1962)	Kuhn, em seu livro com mais de meio século, introduz em uma linguagem comum à palavra paradigma. O autor aborda a psicologia da crença que transita sobre novos conceitos e inovações. Para ele, vários fatos, teorias, métodos e suposições sobre um assunto e que permite ao pesquisador separar os dados, teorias e resolver problemas é um paradigma.
	Leavitt (1989)	O artigo traz uma reflexão sobre o que não é ensinado nos MBAs e o que deveria ser tratado com mais atenção entre as escolas de negócios. As escolas acabam dando mais ênfase a análise financeira, econômica, de decisão, de marketing do que assuntos como saber se relacionar, ter competências em fazer as coisas acontecerem e com outras pessoas, segundo o autor, requer alma, imaginação, empenho e crença. Assim, a proposta do autor no artigo é de que tenhamos uma nova concepção do que é ensino, deixando para trás a padronização, gerando métodos novos. O benefício disso, segundo ele, é de desenvolver gestores mais visionários.
	Mintzberg e Gosling (2002)	Os autores do artigo argumentam que são muitas as fronteiras que ficam no caminho da educação da gestão. Uma delas é que os gestores não podem ser criados somente dentro da sala de aula, eles precisam de prática. Além disso, os estudantes de gestão precisam ter experiências profundas de culturas diferentes, precisam viajar para isso. Para que a aprendizagem ocorra, os professores precisam ser criativos e

	<p>buscar o envolvimento do participante. O ensino não deve estar focado em funções como finanças, marketing, por exemplo, mas deve sim desenvolver o auto-gerenciamento, o relacionamento e a mentalidade analítica. Todo o aprendizado tem que se estender para o trabalho para que faça sentido. Implementar estes itens, para o autor, é um bom começo para uma melhor educação de gestores.</p>
Pfeffer e Fong (2002)	<p>Em seu artigo os autores relatam a realidade demonstrada por pesquisas de que os MBAs não preparam os gestores adequadamente. Para que os MBAs não morram, a proposta dos autores é de que as escolas de negócios adequem seus currículos se concentrando mais nos fenômenos e nos problemas.</p>
Pfeffer e Fong (2004)	<p>O artigo traz alguns dos problemas que as escolas de negócios enfrentam relacionados à ofertas de propostas para aumentar o número de alunos, com resultados de melhores salários e melhorias de carreiras. Os autores sugerem alternativas estratégicas baseadas no Reino Unido que as escolas de negócios podem seguir para melhorarem este cenário problemático que se encontram.</p>
Rynes, Bartunek e Daft (2001)	<p>Os autores trazem dados sobre a relação da academia e da prática profissional, tanto na disseminação quanto na geração do conhecimento. Para tal, eles reúnem uma série de artigos, recentes para a época, relacionados à teoria da criação do conhecimento. A contribuição de cada artigo foi resumida pelos autores e relacionada para ajudar na relação da academia e da prática.</p>
Starkey e Tempest (2009)	<p>Os autores defendem em seu artigo que as escolas de negócios devem ser mais criativas e que seu grande desafio é o de criar uma visão mais holística da educação em administração e gestão, e que estejam adequados ao cotidiano complexo em que vivemos.</p>
Weick (1995)	<p>Weick traz em seu livro o fenômeno da construção do sentido (<i>sensemaking</i>). Ele usa desse fenômeno para analisar as organizações. E essa construção do sentido é um processo social, nunca é solitário e envolve aspectos cognitivos e de ação no contexto organizacional.</p>
Adler e Harzing (2009)	<p>Neste artigo as autoras fazem uma discussão sobre os sistemas de avaliação usados para classificação de acadêmicos, universidades e revistas, como também as bolsas de estudos para pesquisadores. Elas chegam a conclusão que as classificações atuais são disfuncionais e podem causar mais mal do que bem. Elas propõem a criação de um novo sistema que suporta o avanço do conhecimento, incentivando os tipos de contribuições mais importantes para a sociedade em geral.</p>
Bennis e O'Toole (2005)	<p>Os autores argumentam em seu artigo que as escolas de negócios estão decrescendo e que não conseguem unir a teoria com a prática, assim, as pesquisas são totalmente irrelevantes para os gestores. Eles trazem ainda que muitas escolas medem sua excelência acadêmica pelas investigações científicas ou invés de medirem pelo desempenho dos seus alunos. Os autores usam um modelo que usa a análise abstrata financeira e econômica.</p>
Ferraro, Pfeffer e Sutton (2005)	<p>Os autores realizam uma discussão sobre como as teorias das ciências sociais que são lançadas por pesquisadores, independente de sua verdade ou valor, podem se tornar</p>

Fator 2 Ações para a mudança das escolas de negócio (prática, experiência e significado)

	verdades absolutas na prática e qual o impacto disso para a sociedade.
Friga, Bettis e Sullivan (2003)	Neste artigo os autores examinam as estratégias para as escolas de negócios, pois eles afirmam que são prováveis grandes mudanças na demanda e na oferta da educação. Assim, eles sugerem que os educadores da gestão precisam desenvolver estratégias cuidadosas que considerem fatores de mudanças.
Ghoshal (2005)	O autor argumenta que existe uma relação causal entre duas teorias sem valor, os escândalos éticos de Wall Street e as teorias econômicas ensinadas nos programas de MBAs. Ele acredita que é necessária uma reforma nos programas de MBAs. Para ele os programas de MBAs precisam ensinar a realizar uma gestão ética, porque isso é tão importante quanto a obtenção de lucro. O autor acredita que a economia organizacional é uma forma baseada em paradigma do absolutismo intelectual.
Grey (2004)	O autor faz uma crítica à educação da gestão, afirmando que ela se encontra em um estado lamentável. E ele propõe uma solução radical para os problemas enfrentados no ensino da gestão. Esta solução como sendo uma empresa iconoclasta. Para tal, ele usa os conceitos de Educação da Gestão Crítica (CME) e os Estudos da Gestão Crítica (CMS).
Navarro (2008)	Com base numa pesquisa realizada na web com os MBA, comparando os currículos das melhores escolas de negócios dos Estados Unidos, o autor traz como resultados que existe falta de ênfase na necessária integração multidisciplinar e componentes experienciais. Como também faltam produtos diferenciados. Algumas medidas prescritivas são sugeridas.
Petriglieri e Petriglieri (2010)	Os autores introduzem o conceito de espaços de trabalho de identidade. Que são as instituições que fornecem um ambiente próprio o trabalho de identidade do indivíduo. Para os autores os ambientes corporativos são pouco confiáveis nos espaços para que isso ocorra. Então, os autores acreditam que as escolas de negócios estão cada vez mais investindo nestes espaços de trabalho de identidade. Este quadro conceitual apresentado pelos autores fornecem uma lente para entender melhor como e por que as escolas de negócios são chamadas a cumprir este papel de influenciar no que os gerentes sabem fazer e no apoiar a moldar quem eles são.
Porter e McKibbin (1988)	Em seu livro, os autores trazem reflexões sobre os educadores da gestão. Eles abordam que os educadores estão interessados em suas agendas intelectuais e são induzidos a concentrarem seus esforços em satisfazerem demandas das diversas partes interessadas. Os autores trazem informações sobre a necessidade de mudança relacionadas aos currículos, bolsas e pedagogia.
Schon (1983)	O autor examina cinco profissões (engenharia, arquitetura, gestão, psicoterapia e urbanismo) para verificar como esses profissionais agem na resolução de problemas. Para o autor, eles confiam menos em fórmulas aprendida nas escolas do que nas situações aprendidas na prática.
Starkey e Madan (2001)	Os autores analisam a lacuna que existe na pesquisa em gestão. O artigo analisa as condições que levaram a esta lacuna, como também em vários lugares do mundo e identificam uma necessidade de estratégica para aumentar a

		participação da social dos usuários da pesquisa e criação do conhecimento. Para eles, para que exista o preenchimento desta lacuna é necessária uma mudança no pensamento da academia e os gestores também precisam pensar no seu envolvimento com a pesquisa.
	Starkey, Hatchuel e Tempest (2004)	Os autores tratam em seu artigo de um debate sobre o papel das escolas de negócios e o seu futuro no contexto das universidades. Eles chegam a conclusão de que as universidades são instituições que são resistentes. E que as escolas de negócios devem se preocupar com a criação do conhecimento, tanto sobre a gestão como também para a sociedade.
	Starkey e Tiratsoo (2007)	O livro traz alguns assuntos como: a crise enfrentada pelas escolas de negócios e a “americanização” da educação empresarial. Os autores defendem uma nova forma social das escolas de negócios, um lugar de congregação, um fórum para os cidadãos.
	Van de Ven e Johnson (2006)	Os autores examinam a lacuna entre a teoria e a prática em três maneiras: uma vê esta lacuna como um problema de transferência; a segunda argumenta que a teoria e a prática são tipos diferentes de conhecimento; a terceira leva a conclusão de que o gap é um problema de produção de conhecimento. Eles propõem um programa de bolsas de estudos para solucionar o problema de produção de conhecimento, pois acreditam que melhora a relevância da pesquisa para a prática.
Fator 3 – Visão crítica das escolas de negócio como produtoras e disseminadoras de conhecimento	Fournier e Grey (2000)	O objetivo dos autores é de realizar uma discussão sobre a polarização dos Estudos da Gestão Crítica (CMS). Eles reveem os fatores que contribuíram para alavancar estes tipos de estudos e a sua relevância. Eles reveem os debates entre o neo-Marxismo e o pós-estruturalismo e discutem questões do envolvimento com prática da gestão.
	Gibbons et al. (1994)	Os autores sugerem em seu livro que a forma pela qual o conhecimento está sendo produzido está mudando. E que esse conhecimento cada vez mais é socialmente produzido e distribuído.
	Grey (2001)	Grey em seu artigo expõe uma resposta às ideias dos autores Starkey e Madan, porque estes autores propõem que por causa da mudança das condições da produção do conhecimento, as escolas de negócios têm que agir, senão serão preenchidas por consultores de gestão. Mas, o autor em seu artigo questiona as premissas fundamentais dessas análises. Ele acredita que os autores não compreendem a complexidade da produção do conhecimento e a sua relação com a prática, que é a contribuição principal das universidades para a sociedade.
	Hambrick (1994)	Hambrick escreve um artigo na condição de presidente da Academy of Management e aborda sobre as críticas que estão sendo publicadas sobre a decadência da gestão. Ele alega que ao estudo da gestão sendo bem feito, não vai acabar. Pelo contrário, deve crescer por um caminho de aproximar cada vez mais a academia da prática e vice-versa. Ele propõe algumas sugestões de mudanças para a Academy e para seus membros. E diz ser o grande desafio. E que devemos nos importar e fazer com que aconteça esta mudança.
	Mintzberg (2004)	O livro é uma crítica aos programas de MBAs tradicionais.

	<p>O Principal argumento de Mintzberg é que a gestão é mais uma arte do que uma ciência e, portanto, não pode ser facilmente ensinada na sala de aula. Ele alega que os programas de MBAs deveriam ser mais inovadores. E assim, traz uma proposta de um programa de MBA inovador.</p>
Nowotny, Scott e Gibbons (2001)	<p>Em resposta às críticas do seu primeiro livro e para desenvolver melhor a tese, os autores decidiram escrever um segundo livro. A tese deles é que existem dois modos: “modo 1” que aborda o velho paradigma da descoberta científica e o “modo 2” que trata de um novo paradigma da produção do conhecimento. O livro é um convite a repensar a ciência.</p>
Pfeffer (1993)	<p>O autor argumenta que existem diferenças nos níveis de desenvolvimento de paradigmas nos campos científicos, e que estas diferenças possuem consequências significativas para os resultados importantes nas pesquisas. Ele aborda também a questão de que alguns campos têm mais consensos que outros. Mas, que este consenso é uma parte necessária para o avanço do conhecimento. Ele traz também os fatores que parecem afetar o desenvolvimento dos paradigmas científicos. Ele aborda sobre as escolas de negócios e os inúmeros artigos que as criticam e que já está claro que os anos 1990 não será um bom ano para o ensino superior no geral.</p>
Tranfield e Starkey (1998)	<p>Este artigo também traz uma discussão sobre o debate da pesquisa em gestão. Para tal, usa da sociologia do conhecimento. Os autores chegam a conclusão de que a pesquisa em gestão precisa melhorar sua relação com a prática. A pesquisa não deve estar somente no modo 1 (orientada para a produção do conhecimento). A proposta é que seja mais usado o modo 2 (método alternativo em que o conhecimento é produzido social e politicamente, reflete em práticas reais). Com estes argumentos, os autores apresentam 6 proposições sobre o debate da pesquisa em gestão.</p>
Van de Ven (2007)	<p>Van de Ven traz em seu livro um guia para pesquisadores na área de ciências sociais um quadro para os projetos de pesquisa e metodologias. O seu livro tenta mostrar a necessidade do rigor da pesquisa, principalmente na área da administração, de como unir a teoria e a prática. Ele também traz uma abordagem ponderada sobre as bolsas acadêmicas.</p>
Boyer (1990)	<p>Em seu livro, Boyer escreve sobre o papel do professor no ensino e fala sobre as transformações da visão do professor ao longo do tempo. E que no ano em que o livro foi escrito, a conclusão que o autor chega é de que professores e alunos vivem em dois mundos separados. Os professores estavam com o foco muito mais na pesquisa do que no ensino. Assim, ele propõe um novo paradigma de bolsas de estudos.</p>
Cheit (1985)	<p>Em seu artigo, o autor faz uma comparação entre as críticas às escolas de negócios do passado e do presente. As críticas do passado eram de que as escolas de negócios eram muito profissionais e agora as críticas são de que elas são muito teóricas. Os MBAs cada vez crescem mais e recebem mais críticas, desde os salários pagos aos formandos até a falta de prova empírica de que os assuntos estudados são realmente eficazes no mundo dos negócios. O autor estuda várias</p>

Fator 4 –
Comportamento e pressões institucionais nas escolas de negócio

	críticas e as agrupa em quatro categorias principais.
Datar, Garvin e Cullen (2010)	O livro foi escrito com o intuito de apresentar algumas críticas aos MBAs que foram resultados vistos na experiência dos autores na comissão de revisão da Harvard Business School. Eles falam dos desafios dos MBAs que surgem das suas críticas: necessidade de uma perspectiva global; liderança; mais integração. Trazem também, a descrição de como alguns dos melhores MBAs se comportam.
Dimaggio e Powell (1983)	Os autores perguntam em seu artigo o que tornam as empresas tão homogêneas. Eles respondem que as empresas sofrem pressões institucionais que fazem com que elas se comportem estrategicamente de maneira semelhante. Eles trazem três tipos de Isomorfismos: Coercitivo, Mimético e Normativo.
Elsbach e Kramer (1996)	Trata-se de um artigo qualitativo com entrevistas gravadas com os oito membros que vieram das top 20 escolas de negócios EUA que participaram do ranking Business Week de 1992. A análise dos autores sugere que os rankings representam uma ameaça a muitas percepções dos membros sobre a identidade de suas escolas. Com os achados os autores desenvolveram um novo quadro da gestão de identidade organizacional.
Gioia e Corley (2002)	Os autores escreveram um artigo para chamar a atenção de que os rankings das escolas de negócios estão acelerando a transformação de uma imagem para estas escolas. A pergunta que eles pretendem responder é se as escolas de negócios podem ter algum benefício estando presas aos rankings que são muito voltados para mídia e não para a qualidade acadêmica? Eles chegam a conclusão que as escolas de negócios deveriam usar esses rankings e essa mídia para atrair os recursos necessários para o bom ensino. No final do artigo eles convidam a todos para refletirem muito na próxima vez que avistarem um ranking de escolas de negócios.
Macdonald e Kam (2007)	O artigo trata sobre a pressão que o sistema coloca para que os autores publiquem em revistas de qualidade como uma medida para os financiamentos acadêmicos. A crítica é que a medida deveria ser a contribuição ao conhecimento. Como também, critica o ranking das revistas. Abordam sobre os pagamentos que as universidades realizam para as publicações de qualidade. Falam também de como o jogo é jogado e que as publicações em revistas de qualidade são para poucos que conhecem o jogo.
Meyer e Rowan (1977)	Para os autores, muitas estruturas organizacionais formais surgem como reflexo das regras institucionais racionalizadas. As regras institucionais funcionam como mitos que as organizações incorporam, ganhando legitimidade, recursos, estabilidade e melhor perspectiva de sobrevivência. E estas estruturas organizacionais que se tornam isomórficas com os mitos dos ambientes institucionais acabam diminuindo a coordenação e aumentando a fiscalização e avaliação a fim de manterem a legitimidade.
Pfeffer (2005)	Pfeffer concorda com as ideias do autor Ghoshal de que o ensino da gestão está ruim e não está ajudando a prática. Mas, ele afirma trazer questões diferentes que sem elas não

	<p>será possível que haja mudança nessa situação. Ele acredita que temos que descobrir a causa destas ideias nocivas para a gestão e por que se mantêm. Pfeffer comenta que algumas escolas de negócios já estão se mexendo e mudando algumas coisas depois de tantas críticas. E enfatiza a necessidade de se dar mais envolvimento aos ensinamentos com valores que possam ser capazes de criar condições sociais e organizacionais e práticas de gestão mais conscientes.</p>
Rubin e Dierdorff (2009)	<p>Neste artigo, os autores analisaram os currículos dos MBAs e em relação aos requisitos das competências de gestão. Para tal, eles se basearam empiricamente em um modelo de competência de gestores de vários cargos de gestão. Em seus resultados eles chegaram a conclusão de que as competências comportamentais necessárias indicadas pelos gestores são as que menos representam os currículos dos MBAs. Os resultados ainda indicam que os fatores relacionados com rankings e mídias não tem efeito sobre o alinhamento dos currículos dos MBAs e com as competências gerenciais necessárias.</p>
Simon (1967)	<p>Simon traz em seu artigo o argumento de que as escolas de negócios são muitas vezes tratadas com as teorias das organizações e que geralmente não existe uma base acabada para conclusões adequadas. Ele explica que as escolas de negócios são organizações associadas a organizações maiores que são as Universidades. Ele questiona se realmente podemos usar esta teoria para melhorarmos as instituições? Dessa forma, ele pesquisa os fluxos de informações que são essenciais para os objetivos das organizações e no que estes padrões de informações implicam para a estrutura das organizações.</p>
Trank e Rynes (2003)	<p>O artigo discute o profissionalismo no ensino de negócios. Eles abordam a crescente preocupação com o rumo da educação empresarial e os diferentes análises e sugestões do que deve ser feito para melhorar este problema. Análises realizadas sobre a história da educação superior sugerem que o caminho do profissionalismo não resultou na elaboração de estratégias por parte dos educadores de gestão. As pesquisas sobre campos organizacionais estudaram como essas instituições vieram a se assemelhar dentro do próprio campo e que este campo muitas vezes são em fluxos e não se estabilizam.</p>
Trieschmann et al. (2000)	<p>Os autores abordam que as escolas de negócios se esforçam para entender dois objetivos: adquirir conhecimento por meio da pesquisa e o aproveitamento do conhecimento por meio da instrução. Eles realizaram uma pesquisa envolvendo desempenho com dados das revistas acadêmicas, dados dos MBAs e os rankings. O objetivo foi examinar os problemas de medidas de desempenho organizacional das escolas de negócios e os fatores que os influenciam. Seus resultados sugeriram que existem diferenças significativas nas comparações realizadas.</p>

O Fator 1, “Críticas ao currículo e à formação de executivos nas escolas de negócio” é formado por 12 artigos que, em geral, criticam os currículos e o que é ensinado

nas escolas de negócio. Um dos trabalhos relacionados era um manual de metodologia qualitativa, o que indica, de certa forma, uma predominância metodológica, mas foi retirado por não contribuir para o conteúdo do fator.

O Fator 2, “**Ações para a mudança das escolas de negócio** (prática, experiência e significado)” é representado por 14 trabalhos, que propõem sugestões de ações para que as escolas de negócio mudem em relação aos desafios e contexto atual.

O Fator 3, “**Visão crítica das escolas de negócio como produtoras e disseminadoras de conhecimento**” é representado por 9 trabalhos. Neste fator, os autores apresentam que a relação teoria e prática deve ser melhorada, assim, contribuindo para a produção de conhecimento.

O Fator 4, “**Comportamento e pressões institucionais nas escolas de negócio**” apresenta 13 trabalhos, mas se destacam os que mostram a influência dos rankings sobre o comportamento das escolas de negócio, pela influência do ambiente institucional, em especial o comportamento isomórfico, destacado pela presença do trabalho de DiMaggio e Powel (1983) e de Meyer e Rowan (1977), como referências presentes no fator. Este fator é de especial importância, pois mostra desde já a sua relevância.

3.3 ANÁLISE DE COCITAÇÃO

A Figura 2 mostra a representação gráfica proporcionada pelo MDS, em conjunto com os fatores determinados pela análise fatorial (Fator 1 representado em roxo; Fator 2 representado em azul; Fator 3 representado em verde; Fator 4 representado em vermelho). Os resultados mostram alguns aspectos interessantes. Pode-se verificar que apesar de existir uma relação entre os fatores, que o Fator 1 (roxo) e o Fator 2 (azul) formam praticamente um campo que é composto de críticas e sugestões de ações para mudanças nas escolas de negócio. O Fator 3 (verde), apesar de também estar relacionados às críticas, se posiciona em um extremo oposto ao Fator 4 (vermelho), que está relacionado ao comportamento das escolas em relação ao ambiente.

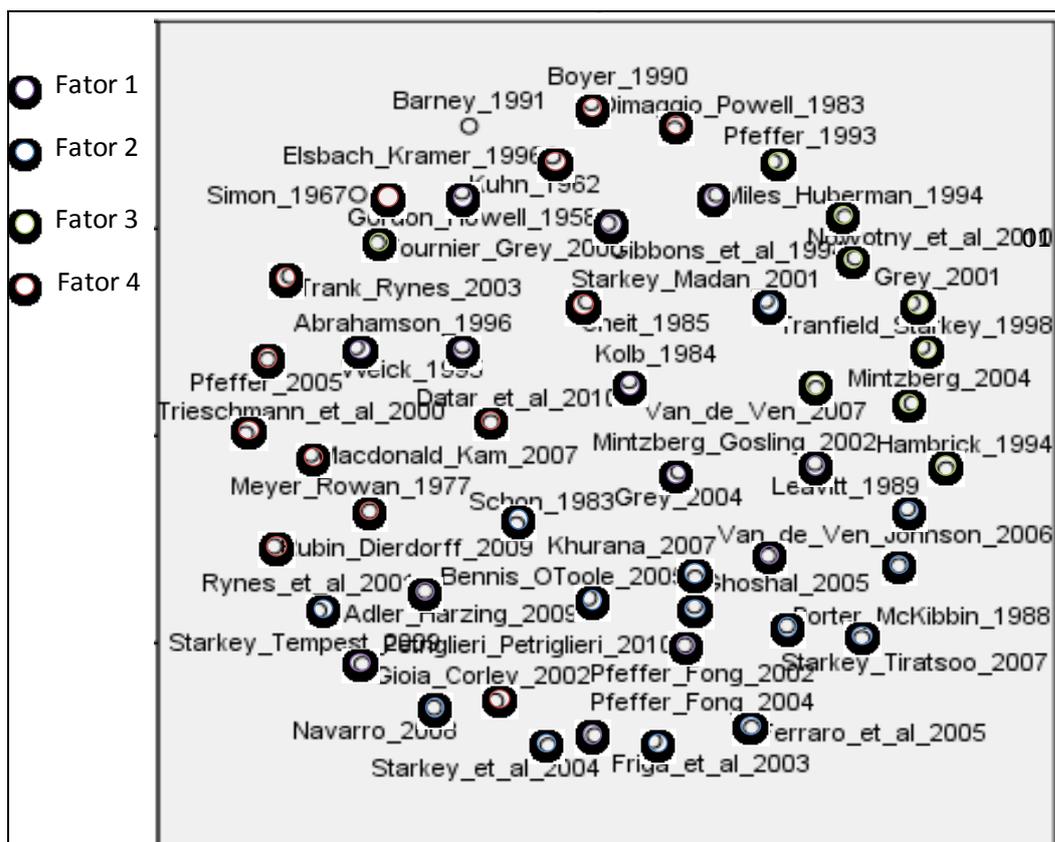


Figura 2 Gráfico MDS com os fatores da análise fatorial plotado.

4 DISCUSSÃO E RECOMENDAÇÕES

Este estudo examinou a pesquisa existente sobre escolas de negócio, na tentativa de compreender o que tem sido estudado, visto que as escolas de negócio além de terem experimentado uma expansão significativa nos EUA a partir da II Guerra Mundial, expandiram significativamente na Europa, Ásia e América Latina a partir da década de 1990. A amostra estudada é composta por 493 artigos com predominância de artigos a partir de meados da década de 1990.

O método utilizado para a avaliação da pesquisa existente em escolas de negócios foi uma análise bibliométrica de citação e cocitação, em conjunto com análise fatorial e escalonamento multidimensional (MDS). Como é característica dos estudos de cocitação, nosso objetivo foi mapear a herança intelectual do campo a partir das referências das publicações no tema (VOGEL; GÜTTEL, 2013), o que reflete o *mainstream* da pesquisa em escolas de negócio.

Na busca realizada não foi encontrada nenhuma revisão existente, especificamente, sobre o fenômeno escolas de negócios. Pelo resultado encontrado, neste primeiro trabalho de

revisão, identificou-se os trabalhos que tiveram maior influência nos artigos examinados. O resultado final da análise conjunta, utilizando os fatores e o MDS, mostraram quatro campos que se interconectam. Em geral, os trabalhos sobre escolas de negócio são influenciados por referências que criticam o seu papel, seus métodos e relação com a realidade dos gestores, além de proporem ações que possam mitigar estes aspectos ou tratarem do seu comportamento em relação ao ambiente.

Independentemente da importância dos demais campos encontrados, o campo que trata do comportamento das escolas de negócio em relação ao ambiente é especialmente importante, visto que, em grande parte, mostra a influência das pressões institucionais exercidas pelos rankings sobre as escolas de negócio, em especial as pressões isomórficas preconizadas pelo trabalho de DiMaggio & Powell (1983) e pela pressão por legitimidade (MEYER; ROWAN, 1977).

Embora seja um fenômeno estudado significativamente a partir da década de 1990, é interessante notar que a maior parte dos trabalhos se concentram em dois periódicos da base estudada: Harvard Business Review e Academy of Management Learning and Education. Neste último, justifica-se a concentração de artigos pelo foco do periódico, na revista de Harvard por sua vez, a inferência talvez seja pela importância do tema para a Harvard Business School.

Este estudo apresenta uma limitação tradicional dos estudos bibliométricos que é a escolha de palavras-chave para busca. Esta limitação se deve por ter sido usada diretamente a palavra-chave 'escola de negócios'. Também escolher a ISI Web of Science, embora considerada a principal base de artigos acadêmicos, existem outras bases que poderiam ser pesquisadas.

A pesquisa em escolas de negócios, apesar do crescimento, ainda é recente se verificarmos que o predomínio de artigos tem menos de 30 anos. Pode-se dizer que pela existência de muitos campos relacionados às críticas, a compreensão do comportamento estratégico das escolas de negócio, pela sua importância e influência sobre os executivos, ainda se tem muito a estudar. Em especial, muito a estudar nos países emergentes, como as escolas de negócios que atuam nos países latino-americanos.

REFERÊNCIAS

ACEDO, F.; BARROSO, C.; GALAN, J. The resource-based theory: Dissemination and main trends. **Strategic Management Journal**, v. 27, n. 7, p. 621–636, 2006.

CALLON, M.; COURTIAL, J.; PENAN, H. **Cienciometría**. La medición de la actividad científica: de la bibliometría a la vigilancia tecnológica. Ediciones Trea: Gijón, Spain, 1993.

COLLET, F.; VIVES, L. From Preeminence to Prominence: The Fall of U.S. Business Schools and the Rise of European and Asian Business Schools in the *Financial Times* Global MBA Rankings. **Academy of Management Learning & Education**, v. 12, n. 4, p. 540-563, 2013.

DICHEV, I. How good are business school rankings? **Journal of Business**, v. 72, n. 2, p. 201-213, 1999.

DING, Y.; GOBINDA, G.; SCHUBERT, F.; WEIZHONG, Q. Bibliometric information retrieval system (BIRS): A web search interface utilizing bibliometric research results. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 51, n. 13, p. 1190-1204, 2000.

DOH, J. Why we need phenomenon-based research in international business. **Journal of World Business**, v. 50, n. 4, p. 609-611, 2015.

FABRIGAR, L.; WEGENER, D.; MACCALLUM, R.; STRAHAN, E. Evaluating the use of exploratory factor analysis in psychological research. **Psychological Methods**, v. 4, n. 3, p. 272-299, 1999.

FERNANDEZ-ALLES, M.; RAMOS-RODRIGUEZ, A. Intellectual structure of human resources management research: A bibliometric analysis of the journal *Human Resource Management*, 1985-2005. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, v. 60, n. 1, p. 161-175, 2009.

FERREIRA, M.; PINTO, C.; SERRA, F. The transaction costs theory in international business research: a bibliometric study over three decades. **Scientometrics**, v. 98, p. 1899-1922, 2014.

GUERRAZZI, L. A. C.; BRANDÃO, M. M.; CAMPOS JUNIOR, H.; LOURENÇO, C. E. Pesquisa em marketing e estratégia nos principais periódicos internacionais: um estudo bibliométrico sobre publicações no século XXI. **Revista Ibero-Americana de Estratégia**, v. 14, n. 1, p. 7-27, 2015.

LIN, T.; CHENG, Y. Exploring the knowledge network of strategic alliance research: A co-citation analysis. *International Journal of Electronic Business Management*, v. 8, n. 2, p. 152-160, 2010.

MCCAIN, K. Mapping authors in intellectual space: A technical overview. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 41, n. 6, p. 433-443, 1990.

PARÉ, G.; TRUDEL, M.; JAANA, M.; KITSIOU, S. Synthesizing information systems knowledge: A typology of literature reviews. **Information & Management**, v. 52, n. 2, p. 183-199, 2015.

- PONZI, L. The intellectual structure and interdisciplinary breadth of knowledge management: A bibliometric study of its early stage of development. **Scientometrics**, v. 55, n. 2, 2p. 59–272, 2002.
- PRITCHARD, A. Statistical bibliography or bibliometrics? **Journal of Documentation**, v. 25, n. 4, p. 348-349, 1969.
- RAMOS-RODRIGUEZ, A.; RUIZ-NAVARRO, J. Changes in the intellectual structure of strategic management research: A bibliometric study of the Strategic Management Journal, 1980–2000. **Strategic Management Journal**, v. 25, n. 10, p. 981–1004, 2004.
- SAUDER, M.; LANCASTER, R. Do rankings matter? The effects of U.S. News & World Report rankings on the admissions process of law schools. **Law and Society Review**, v. 40, p. 105–134, 2006.
- SERRA, F.; FERREIRA, M.; ALMEIDA, M. Organizational decline: a yet largely neglected topic in organizational studies. **Management Research: The Journal of the Iberoamerican Academy of Management**, v. 11, n. 2, p. 133–156, 2013.
- SHAFIQUE, M. Thinking inside the box? Intellectual structure of the knowledge base of innovation research (1988–2008). **Strategic Management Journal**, v. 34, p. 62–93, 2013.
- SMALL, H. Co-Citation in the Scientific Literature: A New Measure of the Relationship Between Two Documents. **Journal of the American for Information Science**, v. 24, n. 4, p. 265-269, 1973.
- VOGEL, R.; GÜTTEL, W. The dynamic capability view in strategic management: a bibliometric review. **International Journal of Management Reviews**, v. 15, n. 4, p. 426-446, 2013.
- VON KROGH, G.; ROSSI-LAMASTRA, C.; HAEFLIGER, S. Phenomenon-based research in management and organization science: When is it rigorous and does it matter? **Long Range Planning**, v. 45, n. 4, p. 277–298, 2012.
- WOOD JR., T.; CRUZ, J. MBAs: Cinco Discursos em Busca de uma Nova Narrativa. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 12, p. 26-44, 2014.
- ZUPIC, I.; ČATER, T. Bibliometric methods in management and organization. **Organizational Research Methods**, v. 18, n. 3, p. 429-472, 2015.